

LANÇAMENTO DO XVIII CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL

Paróquia do Santíssimo Coração Eucarístico de Jesus
Espinheiro

Queridos irmãos e irmãs

No dia 07 de setembro de 1939 encerrava-se aqui em Recife, o muito bem sucedido III Congresso Eucarístico Nacional, durante o episcopado do meu predecessor Dom Miguel de Lima Valverde. Esse congresso teve como Legado Pontifício o Cardeal Sebastião Leme da Silveira Cintra – arcebispo de São Sebastião do Rio de Janeiro, nomeado através da Bulla do então Papa Pio XII de 21 de julho do mesmo ano. Hoje, dois anos antes da abertura de semelhante evento, exatamente nesta Igreja dedicada ao Santíssimo Coração Eucarístico de Jesus, marco do principal evento eclesial do ano de 1939 no Brasil, queremos fazer o lançamento do XVIII Congresso Eucarístico Nacional que acontecerá no período de 12 a 15 de novembro de 2020. Pela segunda vez, Recife abre os braços para acolher a população cristã brasileira, que aqui veem reverenciar a Santíssima Eucaristia. O Jornal “L’Osseevator Romano” em uma de suas edições, após o Congresso de 1939, assim noticiou: Indubitavelmente, esse terceiro Congresso Eucarístico Brasileiro superou os dois primeiros celebrados na Bahia e em Minas Gerais. S. Emcia. Cardeal Sebastião Leme que presidiu, na qualidade de Legado Pontifício aos três certames nacionais, num discurso pronunciado ao deixar o Recife exclamou: “Como se torna mesquinho e pobre o nosso vocabulário!... Depois deste Congresso, somente o céu!” E o jornal comenta: Não devemos ver, nestas palavras, apenas recurso oratório, porquanto nos seus discursos S. Emcia. mais de uma vez manifestou esta sua impressão profunda (cf Annais – pag.387).

Situados na região Nordeste do Brasil, onde enfrentamos tantos desafios de ordem política, econômica, social e pastoral, optamos por tomar como tema para o próximo Congresso

Eucarístico: “Pão em todas as mesas”, tendo como Lema: “Repartiam o pão com alegria e não havia necessitados entre eles” (cf At 2, 46; 4,34). Parte do texto que escutamos na primeira leitura dessa Missa Votiva da Santíssima Eucaristia foi inspirador para a escolha do lema e ainda nos recorda as principais características dos primeiros cristãos: “Eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações”. Quatro sinais importantes que devem nortear a caminhada da Igreja em todos os tempos. A comunhão fraterna, que resume as demais características, deve ser sinal de uma adesão plena à proposta do evangelho e reforço para o caminho do discipulado. A fraternidade aponta para a prática do AMOR, gratuito e desinteressado. “Amar como Jesus amou”, até as últimas consequências. O tema do Congresso vai nos ajudar a caminhar nessa direção e, sobretudo, encorajar o nosso povo nordestino, marcado pela pobreza e vítima de preconceitos a nunca desanimar. Diante da desafiante realidade somos convidados a manter viva a fé e primar pela unidade, buscando pela força de Deus a superação das dificuldades. Na sua última encíclica “Ecclesia de Eucharistia” o então papa João Paulo II escreve: “É significativo que, no lugar onde os Sinóticos narram a instituição da Eucaristia, o evangelho de João proponha, ilustrando assim o seu profundo significado, a narração do lava-pés, gesto este que faz de Jesus mestre de comunhão e serviço (cf Jo 13, 1-20). O apóstolo Paulo, por sua vez, qualifica como indigna duma comunidade cristã a participação na Ceia do Senhor que se verifique num contexto de discórdia e de indiferença pelos pobres (cf 1Cor 11,17-22.27-34).

O capítulo sexto do evangelho de João, que acabamos de escutar, nos conta que estava próxima a Páscoa e que Jesus no lugar de ir a Jerusalém, ao templo, como todo judeu costumava ir para celebrar a festa, ele se dirige a um lugar deserto, do outro lado do lago da Galileia, à região pobre e mal vista na qual ele cresceu e viveu. E ali ele faz uma Páscoa diferente. A sua Páscoa foi repartir os alimentos e saciar a multidão de cinco mil pessoas e a partir do pouco que os discípulos conseguiram: cinco pães e dois peixes. A partir desse gesto, o evangelho não fala mais em

peixes, fala só de pão e usa uma linguagem eucarística quando diz que Jesus deu graças e repartiu. Mais adiante, nesse mesmo discurso, Jesus nos diz claramente: *Eu sou o pão da vida*. Para a fé judaica, o pão da vida era a lei, era a Palavra. O Deuteronômio ensina: Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus (Dt 8, 3). Agora, Jesus afirma: *O pão da vida não é a lei*. Por isso, insiste que não é Moisés quem dá o maná. Os discípulos tinham a tentação de se deter nos sinais e não ir além. Como nós corremos sempre o risco de nos bastar com os sacramentos. Esses, por mais importantes e santos que sejam, não podem nos prender e sim impulsionar a mergulhar em “águas mais profundas”. Ali naquele deserto, tendo rejeitado a realeza política e o messianismo religioso, Jesus se declara como *Pão da vida dado por Deus para a vida do mundo*. É a primeira vez que o evangelho de João coloca Jesus afirmando o EU SOU que parece retomar o EU SOU de Deus no primeiro testamento. Mas, agora esse EU SOU se revela no fato de ser *pão em todas as mesas*, como dizemos no tema do futuro congresso. O desafio é como fazer com que esse tema não fique apenas na sua formulação simpática e atraente, mas se traduza realmente em solidariedade e ajude nossa Igreja a retomar a Eucaristia como fonte e estímulo à verdadeira partilha do pão, como a chamava o livro dos Atos dos Apóstolos.

Insisto no que Jesus diz: *Eu sou o pão dado por Deus para a vida do mundo*. Dado para além da comunidade dos discípulos. Dado para todos, para os de fora também. Há muitas pessoas que creem que buscam, mas não se sentem à vontade em nossas paróquias e comunidades. Isso é motivo de questionamento e avaliação para nós. No evangelho, Jesus diz claramente: *O Pai lhe pede que não deixe que se perca nenhum daqueles que ele, Pai, manda para ele, Jesus*. Hoje, o Pai nos pede a mesma coisa: não deixar que nenhuma pessoa que o Pai nos manda se perca, seja excluída. É o que o papa Francisco insiste na *Amoris Laetitia*.

Dom Hélder Câmara, cujo processo de beatificação e canonização hoje dá mais um passo, quando oficialmente encerramos os trabalhos do Tribunal Eclesiástico, a escuta das

testemunhas, tinha um carinho muito especial pela Eucaristia que piedosamente e com emoção, celebrava diariamente na Igreja das Fronteiras, sobretudo após a sua emeritidade, quando mais envelhecido. Ele nunca aceitou separar Eucaristia da preocupação com a justiça social e a luta para que todos tenham vida. Em cada Eucaristia que celebramos, temos de nos lembrar que nosso país que até agora ainda se considera o maior país católico do mundo é de todos um dos mais desiguais. As pessoas veem os sinais, valorizam os cultos, mas pouco se interessam pela prática da caridade, tendo como modelo o Mestre. Ainda defendem que a fé é algo a ser vivido na intimidade do coração, mas nada tem a ver com a vida social desigual.

Que nossa Eucaristia que realizamos agora, com o pão e o vinho, como Jesus mandou, nos ajude a retomar a mística da comunidade do quarto evangelho que revelou, como referimos acima, a dimensão eucarística do lava-pés e da multiplicação dos pães no deserto. Sem serviço aos outros e sem partilha a Eucaristia pode ter o rito mais belo e piedoso, mas para ser a Ceia como Jesus fez e deseja é necessário que façamos dessa comunhão um sacramento verdadeiro e eficaz de partilha.

Pão em todas as mesas!

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

Recife, 12 de novembro de 2020.